

# Mais concorrência e produtividade

O relatório sobre as perspectivas agrícolas mundiais para o período de 2005 a 2014, realizado conjuntamente pela primeira vez pela OCDE - Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (com sede em Paris) e pela FAO - Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (sediada em Roma), traz uma série de informações relevantes para o agru-

mundial entre exportadores de oleaginosas, açúcar, trigo, arroz e produtos animais, conjugado com o aumento da produtividade, provocará um novo ciclo de queda dos preços reais da maior parte dos produtos agrícolas nos próximos dez anos.

Do lado dos exportadores, o estudo mostra que o comportamento do Brasil, da Argentina e de outros países emergentes que são fortes nos agronegócios terá influência "primordial" para a evolução dos mercados. Do lado dos importadores, a importância da China e da Índia chega a tal ponto que um choque, mesmo fraco, de demanda ou oferta desses gigantes provocará "ajustes externos não negligenciáveis".

A produção agrícola global deverá aumentar mais lentamente que durante o intervalo 1995-2004, mas o consumo tende a continuar em crescimento, estimulado pelo desempenho econômico e pela expansão populacional nos países em desenvolvimento. Não

obstante, a importância relativa do crescimento das populações na evolução da demanda de produtos agrícolas cairá, em longo prazo. As projeções não mudam, mesmo com a simulação de uma liberalização comercial na Rodada de Doha da Organização Mundial do Comércio (OMC), segundo a OCDE.

Os principais impactos da entra-

da de novos países-membros na agricultura da UE são:

- Aumento da diversificação das fazendas;
- O valor da produção cresceu menos de 10%, apesar de ter absorvido muita terra e mão-de-obra;
- A renda crescerá mais significativamente em médio prazo;
- O nível de proteção inferior ao existente antes da absorção dos novos países-membros, em 2004.

## AVE É A QUE MAIS CRESCE

O trabalho aponta que, entre as três principais carnes produzidas e consumidas no mundo - bovina, suína e de aves -, a última é que continuará apresentando o maior aumento na produção.

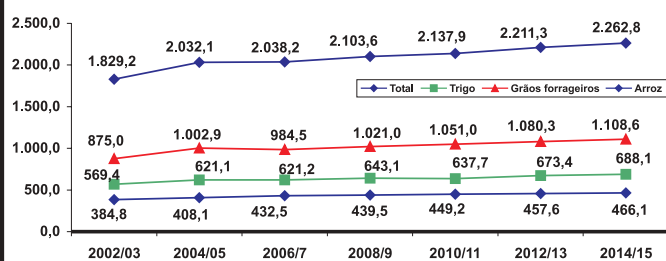
Assim, considerados apenas os países integrantes da OCDE, entre 2005 e 2014, a produção de carne bovina deverá aumentar 3,11%; a de carne suína, 10,62%, e a carne de aves (essencialmente frango), 23,86%. Além disso, por volta de 2010, a carne de aves superará a carne suína e se tornará a principal carne produzida no âmbito da OCDE.

Espécie de "clube dos desenvolvidos", a OCDE é integrada por 30 países, a maioria deles (23), europeus, e completando o "time", estão: EUA, Canadá e México, nas Américas; Japão e Coreia, na Ásia; e Austrália e Nova Zelândia, na Oceania.

O fato de serem países econômica e socialmente estáveis (inclusive no crescimento demográfico) ajuda a explicar porque devem registrar, doravante, expansão anual inferior a 1% na produção de carnes, enquanto nos países não-integrantes do bloco a expansão anual média deve ficar próxima dos 3%.

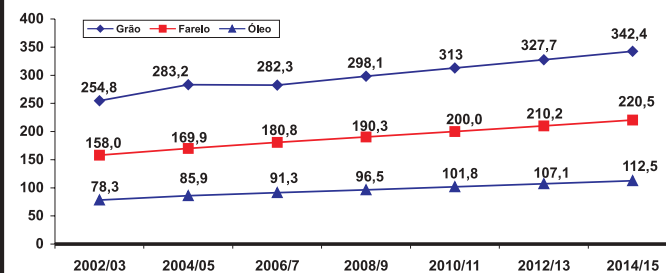
Nos países não-integrantes da OCDE, o ritmo de expansão da produção das três carnes é bem mais intenso, prevendo-se aumento de 38% para a carne suína e bovina. Mas aqui, também, o aumento das carnes avícolas deverá ser maior, de cerca de 43%. Mas os números da OCDE/FAO também servem para ressaltar o desnível existente entre países ricos e pobres, pois, representando apenas 15% dos países existentes no mundo (são perto de 200), os integrantes da OCDE detêm, hoje, mais de 40% da produção mundial das três carnes.

Mundo: produção de cereais (milhões de toneladas)



Fonte: OCDE

Mundo: produção de oleaginosas (milhões de toneladas)



Fonte: OCDE

siness brasileiro e mundial.

As perspectivas traçadas se apoiam na hipótese de que as taxas de câmbio das principais moedas em relação ao dólar se manterão no nível de 2004 durante o período analisado, apesar de os exportadores brasileiros não cessarem de dizer que o ajuste cambial influencia a competitividade.

O acirramento da concorrência

Indo mais além e considerando que os países fora da OCDE possuem 82% da população mundial, a produção global atual significa uma disponibilidade *per capita*/ano de 86 kg de carnes na OCDE e de apenas 26 kg *per capita*/ano (menos de um terço) nos quase 170 países sem acesso à OCDE.

É interessante observar que o consumo *per capita* brasileiro de carnes, previsto para este ano, é de 83,7 kg. Isso significa que, pelo menos nas carnes, o Brasil aparenta já estar inserido entre os chamados "países desenvolvidos".

## BRASIL AVANÇA

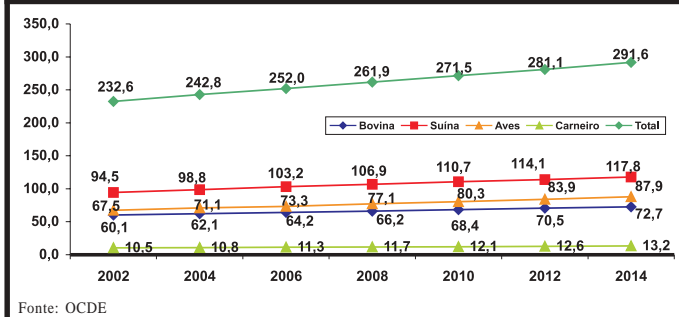
O Brasil deverá ser o maior ganhador do lado dos exportadores agrícola-

las, nos próximos dez anos, superando os Estados Unidos no comércio global de produtos como oleaginosas, e a Austrália, no comércio de carne bovina.

Muito dependerá da própria estabilização econômica do País. O estudo prevê para a "primeira potência econômica" uma taxa de crescimento anual de 4% em média, ante o avanço de 2,6% na zona da OCDE.

O Brasil deixará para trás os EUA no comércio de oleaginosas. A exportação brasileira deve pular de 23,4 mi-

Mundo: produção de carnes (milhões de toneladas)



lhões de toneladas, em 2004, para 36,1 milhões em 2014 (54,3%). Já os EUA devem crescer de 30,5 milhões para 33,6 milhões (10,2%). Em dez anos, a exportação argentina de oleaginosas poderá ser a metade da brasileira.

## Subsídio continua forte

De acordo com a OCDE, o Suporte Total ao Produtor (PSE) é um dos mais baixos no Brasil, no mesmo patamar da Austrália e da Nova Zelândia. O cálculo do PSE engloba o subsídio direto, incluindo taxas de juros favorecidas à agricultura familiar, e indireto, como a transferência de renda do consumidor para o produtor. Os subsídios representaram US\$1,3 bilhão nos últimos três anos. O apoio total dado à agricultura seria de US\$2,6 bilhões, cerca de 0,5% do PIB. Desse total, 75% são recursos diretos ao agricultor, contra 25% para infra-estrutura e outros serviços.

O baixo índice de subsídios força o setor agrícola brasileiro a crescer com mais competitividade. A desvalorização do real no final dos anos 90 e a isenção de ICMS para as exportações agrícolas tiveram efeitos positivos. Para a OCDE, a diversificação da balança agrícola do País fortalece o papel da soja e carnes, além da conquista de novos mercados, como China e Rússia, responsáveis em parte pelo aumento da produção e exportação brasileira.

Em contrapartida, na União Européia, nos Estados Unidos e em outros países ricos, as ajudas foram ampliadas em 12%, no ano passado, para US\$ 112 bilhões. O aumento ocorreu à medida que os preços das *commodities* agrícolas recuavam. As tarifas e outras restrições comerciais forneceram ajuda adicional estimada em US\$167 bilhões. O total de US\$279 bilhões representou 30% da renda dos produtores rurais nos 30 países da OCDE. O arroz foi o produto que mais recebeu subsídios, seguido por açúcar, leite, grãos e carne bovina. A Turquia foi o país líder na concessão de auxílio financeiro aos produtores do campo, seguida por Suíça e Japão. Estados Unidos e União Européia também estão entre os 10 primeiros da lista.

Espécie de "clubes dos desenvolvidos", a OCDE é integrada por 30 países, a maioria deles (23), europeus, e completam o "time": EUA, Canadá e México, nas Américas; Japão e Coreia, na Ásia; e Austrália e Nova Zelândia, na Oceania. Mesmo sob pressão da comunidade internacional, os países mais ricos do mundo fizeram em 2004 um esforço para reduzir seus subsídios agrícolas.

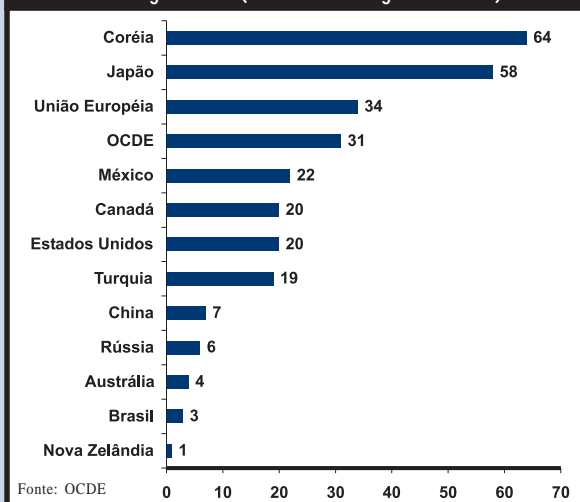
Em final de junho último, o ministro da Agricultura da União Européia decidiu que os 25 países-membros vão desembolsar 2,7 bilhões para o desenvolvimento rural do bloco. O acordo foi fechado em Luxemburgo. O desembolso vai ocorrer entre 2007 e 2013, com o objetivo de estimular o cultivo de produtos mais competitivos, a proteção ambiental e a criação de empregos no campo.

Os recursos não integram o orçamento agrícola da União Européia, em discussão pelos membros do bloco, até agora, sem entendimento entre as lideranças. A 'queda de braço' é difícil. A comissão para agricultura da UE, Mariann Fischer Boel, defende uma Política Agrícola Comum para a UE. Uma posição contrária às críticas do primeiro-ministro britânico, Tony Blair, de que se gasta muito com subsídio ao setor, responsável por 40% do orçamento da UE e por 0,3% do seu PIB.

Tudo isso é uma demonstração categórica de que o acordo agrícola iniciado na OMC em 1994, com a Rodada do Uruguai do antigo GATT (Acordo Geral de Tarifas e Comércio), e atualmente em curso com a Rodada de Doha (lançada em 2001), ainda não surtiu efeito. Apesar de ter havido uma previsão em torno da liberalização do comércio agrícola, aconteceu o contrário. E junto com o aumento no subsídio, o mundo assistiu ao fracasso das negociações em Seattle (EUA), em 1999, e em Cancun (México), em 2003.

Ministros do Comércio de 148 países tentam criar estrutura para padronizar e reduzir a quantia de ajuda agrícola fornecida pelos governos, a ser apresentada na reunião de cúpula da Organização Mundial do Comércio (OMC), em dezembro, em Hong Kong.

Subsídios à agricultura (% do Produto Agrícola Bruto) - 2004



A China, por sua vez, deverá consolidar sua posição de primeiro importador mundial de oleaginosas, o que significa expansão sensível do mercado global do produto. Os países da OCDE não deverão ganhar terreno como fornecedores, porque a extensão do mercado será ocupada justamente por exportações do Brasil e da Argentina.

Os dois países do Mercosul aumentarão suas exportações de oleaginosas, porque suas indústrias esmagadoras – o segmento é dominado por multinacionais – não conseguem acompanhar a expansão da produção doméstica. A superfície destinada à cultura da soja deve crescer 1,2% por ano nos países que não fazem parte da OCDE e seguir relativamente estável no restante dos países.

Com relação à carne bovina, o Brasil vai consolidar sua liderança nas exportações. Os embarques do País continuarão no mesmo ritmo e chegarão a 1,6 milhão de toneladas em 2014, enquanto a concorrente Austrália, por exemplo, deverá assistir a um tombo de 1,3 milhão para 1 milhão de toneladas em dez anos. A explicação da FAO é que os australianos estão perdendo competitividade em relação ao Brasil. A União Europeia manterá sua condição de importador líquido. EUA e Canadá vão demorar a retomar fatias de mercado perdidas com a doença da "vaca louca".

Os países do Mercosul ocuparão um lugar cada vez maior na exportação de

carne bovina, impulsionados pelo Brasil. Os volumes suplementares de carne suína para abastecer o mercado mundial também deverão sair do Brasil. Além disso, o País conservará a ponta na exportação de carne de frango. Seus embarques podem passar de 2,5 milhões de toneladas em 2004 para 2,996 milhões em 2014. Já as vendas americanas pulariam de 2,4 milhões para 2,8 milhões.

O fluxo de comércio Sul-Sul domina os mercados de açúcar, arroz e óleos vegetais, e o Brasil, mais uma vez, tem destaque. O País deverá continuar como primeiro exportador mundial de açúcar. As vendas do produto não refinado e branco podem crescer perto de 44% nos próximos dez anos. As exportações brasileiras de açúcar bruto passariam de 10,8 milhões de toneladas em 2004 para 15,5 milhões em 2015, enquanto as exportações de açúcar branco dobrariam para 7,3 milhões de toneladas. Neste caso, a Rússia deve continuar como maior importador.

No caso do arroz, os Estados Unidos vão ter exportações em alta principalmente para a UE. As projeções para óleos vegetais indicam que Brasil e Argentina, embora aumentando as exportações, continuarão tendo fatia relativamente modesta em relação às exportações de produtores de óleo de palma, como Indonésia e Malásia. ■

## Recorde histórico no primeiro semestre

A receita cambial obtida com as exportações de produtos agrícolas de janeiro a junho deste ano somou US\$20,2 bilhões, recorde histórico para o primeiro semestre do ano e 9% superior à obtida em igual período de 2004. Nos seis meses do ano, as importações do setor cresceram 2,9%, totalizando US\$ 2,481 bilhões. Como consequência, o superávit é de US\$ 17,7 bilhões, superior em 10% ao resultado de igual período de 2004.

O destaque é o aumento de 31,5% na receita com exportação de carnes, de 73% na venda de açúcar e álcool, de 62,6% de café, de 28,8% de fumo e tabaco, 13,9% nas exportações de frutas e hortaliças e de 19,2% na receita com vendas de leite, laticínios e ovos. De modo geral, a área de grãos sofreu com a baixa das cotações no mercado internacional.

A queda das exportações resultou principalmente da variação negativa das vendas do complexo da soja. A distribuição do fluxo de exportação de soja no ano passado, caracterizado por maior concentração em junho, em comparação com anos anteriores, influenciou o resultado.

As exportações do complexo da soja no primeiro semestre de 2005 somaram 18,9 milhões de toneladas, mesmo volume embarcado nos seis meses do ano passado. A receita obtida com essas vendas, no entanto, caiu de US\$ 5,460 bilhões no pri-

## Apoio aos agricultores na China

A China está elevando o volume de subsídios concedidos a seus agricultores. O aumento da ajuda coincide com a expansão da demanda doméstica e com a meta do país de alcançar a auto-suficiência alimentar em 2020. O apoio representa 3,5% do Produto Interno Bruto (PIB) e 7% do valor da produção agrícola, perto do limite (8,5%) permitido pela OMC.

O mais polpudo auxílio governamental na China é dado a produtores de milho, e o menor é concedido à pecuária. O grau nacional de auto-suficiência alimentar é de 95%. O desafio é como chegar aos 100% até 2020. Cerca de 200 milhões de agricultores produzem em propriedade média de 0,65 hectare.

A produção de grãos é intensiva em tecnologia e demanda escala. Daí o sucesso do Centro-Oeste brasileiro. Já a China tem agricultura intensiva em mão-de-obra e sofre restrições hídricas. Os chineses foram aconselhados a se concentrar em produções como as de frutas e vegetais. Mas Pequim insiste em que há muito risco no mercado, quer buscar a auto-suficiência, e isso passa por maior produção de grãos. Nesse contexto, o Brasil, que destina à Ásia, principalmente China, 18% de suas exportações agrícolas, não tem aparentemente motivos para se preocupar. Analistas não têm dúvidas de que a China continuará sendo um grande mercado para as exportações agrícolas brasileiras, diante do enorme potencial de demanda interna.